
A razão da ficção ou a ficção da razão

The reason of fiction or the fiction of reason

Ana Cristina Joaquim

Mestranda em Filosofia pela UNICAMP-Bolsista do CNPq

Resumo: O artigo trata de uma problematização da leitura feita por Adorno e Horkheimer dos romances filosóficos sadianos, em especial, *História de Juliette*, tal como ela se configura no segundo excurso da *Dialética do esclarecimento*. Mostrando de que maneira Adorno e Horkheimer desenvolvem uma análise da construção ideológica resultante dos investimentos feitos na razão como mecanismo de salvação do homem e a ancoragem dessa análise no texto sadiano, leva-se em conta o prejuízo da autonomia do texto, uma vez que este é desconsiderado no que diz respeito a sua ficcionalidade.

Palavras-chave: filosofia; literatura; ficção; Esclarecimento; ideologia.

Abstract: The article deals with a problematic reading made by Adorno and Horkheimer of the Sadian philosophical novels, especially *History of Juliette*, as it takes shape in second tour of *Dialectic of Enlightenment*. Showing how Adorno and Horkheimer develop an analysis of the ideological construction as a result of investments made in reason as a means of salvation of man and anchor this analysis in the text Sadian, it takes into account the loss of autonomy of the text, since this is disregarded with respect to its fictionality.

Key words: philosophy; literature; fiction; Enlightenment; ideology.

Em princípio, um texto pode ser abordado de três pontos de vista, que podem ou não ser complementares: o de sua gênese, o de sua estrutura e o de sua recepção. A abordagem que prioriza a gênese, os princípios de criação, ou seja, o que atualmente se costuma chamar crítica genética tem como método o estudo das transformações que determinado autor imprime no processo de criação. É o que se dá, por exemplo, quando o crítico recorre aos manuscritos do autor para, a partir deles, tentar reconstruir o texto, tendo em vista o seu processo de elaboração. A abordagem estrutural, por sua vez, enfatiza a arquitetura interna do texto, isto é, mediante o texto dado, busca descrever os elementos constitutivos que possam garantir este ou aquele significado; é o método utilizado, por exemplo, pela antropologia estrutural e pela semiologia. Deste ponto de vista, a significação emana do texto, ou seja, das estruturas que o constituem. E, finalmente, há aqueles que se ocupam em interpretar o texto, no sentido de tentar desvendar as suas significações latentes, de modo que a significação, diferentemente do que é proposto pelo estruturalismo, não emana unicamente do texto, mas é resultado também do contexto, seja ele de vertente social, psicológica, histórica, etc., método utilizado pelas críticas marxistas e psicanalíticas, por exemplo. Esta última tendência analítica é levada a cabo por Adorno e Horkheimer na sua interpretação da obra sadiana, especialmente em

Histoire de Juliette, que, como teremos a chance de observar, lançam mão tanto da teoria marxista, quanto dos princípios da psicanálise.

Visto que os autores não consideram a obra unicamente de um ponto de vista literário e/ou filosófico (*stricto sensu*), julgamos necessário expor brevemente a sua teoria crítica, tal como aparece na *Dialética do esclarecimento*, para que, desse modo, a problematização da abordagem em questão seja mais profícua.

A leitura do texto sadiano encontra-se no segundo excurso da obra em questão, em que Adorno e Horkheimer discutem os pressupostos morais decorrentes daquilo a que chamam crença cega na razão. Ocupando-se de Kant, Sade e Nietzsche, “os implacáveis realizadores do esclarecimento (grifo nosso)”, discute-se “como a submissão de tudo aquilo que é natural ao sujeito autocrático culmina exatamente num domínio de uma natureza e uma objetividade cegas”¹.

A começar pela definição kantiana de esclarecimento, devemos levar em consideração dois aspectos, a saber: a capacidade de um pensamento autônomo, o que, nas palavras de Kant, seria a saída do homem de sua menoridade, e, por menoridade, Kant entende “a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outrem”²; e a ausência de impedimentos, isto é, a condição necessária para a saída do homem de sua menoridade, tal como prevê o filósofo, é o exercício da liberdade, e por liberdade, entenda-se a competência de fazer o *uso público* da razão. Em outras palavras, a condição para o esclarecimento é a não existência de qualquer impedimento legal, moral ou religioso que inviabilize o livre uso do entendimento. Adorno e Horkheimer, mediante a definição dada por Kant, irão se ocupar em mostrar de que maneira o esclarecimento, ao reivindicar a autonomia da razão, promove uma recusa ferrenha da mitologia como mecanismo de leitura do mundo, esta entendida como o grilhão responsável pelo impedimento do livre uso da razão, e que se manifesta, naquele momento, primordialmente por meio da religião e da moral dela advinda. Mais do que isso, e aqui reside o valor de sua obra, nossos autores se ocupam em mostrar que essa crença ilimitada na eficácia da razão, ao contrário do que se deveria esperar, teria conduzido os homens por um caminho de sucessivos erros, fato que afirmam com base nas calamidades que assolaram o século XX, que tiveram sua maior expressão

¹ ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p. 15.

² KANT, E. “Resposta à pergunta que é <<esclarecimento>>?” In *Textos Seletos*, p.100.

no fascismo e no nazismo, bem como na moral a que atualmente³, estamos submetidos.

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber (ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p. 17).

Desse modo, Adorno e Horkheimer dão início a *Dialética do esclarecimento*. O diagnóstico do fracasso da razão como princípio emancipador do ser humano é feito, segundo os autores, tendo em vista duas causas primordiais: o uso da razão como mero instrumento, ou, nas palavras de Adorno e Horkheimer: “[a razão] se tornou a finalidade sem fim que, por isso mesmo, se deixa atrelar a todos os fins”⁴ e ainda: “(...) ela faz com que a paz ou a guerra, a tolerância ou a repressão aparecem como o melhor”⁵; e o fato de ser considerada como catalisadora do progresso apenas, desconsiderando-se, desse modo, o elemento regressivo que compõe essa polaridade, e que deve existir sempre, ao menos como ameaça: “Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino”⁶. Ora, essa crença cega e ilimitada na razão como propulsora do progresso humano acaba por transformar a própria razão, ironicamente, em um novo mito, uma vez que ela teria se cristalizado, se fixado, não possibilitando, assim, o pensamento crítico no seu interior, isto é, o pensamento que questiona a si mesmo enquanto método e finalidade. Vale dizer que os autores não pretendem, entretanto, invalidar a razão ou, simplesmente selar o seu fracasso. Trata-se de uma *tomada de consciência* que inclui um resgate da esperança passada⁷ o que inviabilizaria, desse modo, as atrocidades que a instrumentalização ou formalização da razão possibilitaram.

Feito esse breve panorama, passemos à análise da obra sadiana levada a cabo por Adorno e Horkheimer. Vale ressaltar que pretendemos

³ Optamos por não fazer uma distinção temporal entre o momento em que Adorno e Horkheimer conceberam a sua crítica, tal como é formulada na *Dialética...* (a primeira publicação data de 1947) e a atualidade, uma vez que acreditamos que muitas das críticas apontadas pelos pensadores são adequadas ainda hoje.

⁴ ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p.76.

⁵ ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p.75.

⁶ ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p.13.

⁷ Cf., ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p.14.

problematizar essa análise, atentando para os aspectos ficcionais da obra, o que nos parece, estava um pouco distante do horizonte analítico dos autores. Veremos ainda, de que maneira essa descaracterização da obra sadiana, ou seja, a desconsideração do discurso literário (ficcional) tende a relacionar de maneira simples o discurso do autor ao discurso das personagens, este último, vale dizer, bastante polêmico e heterogêneo. Ademais, e talvez mais importante, essa relação entre ficção e realidade empreendida pelos autores, é feita sem mediações, no sentido de que a articulação entre a ficção sadiana e as questões políticas e morais que a circundariam (desde o advento da razão até os dias atuais) é, praticamente, direta, uma vez que não atenta para o papel da literariedade na complexificação dos fatores históricos e sociais. Não pretendemos, em absoluto, invalidar o diagnóstico a que chegam Adorno e Horkheimer, entretanto, acreditamos que, ao levar em conta o papel do engenho literário na formação da obra, também devemos considerá-lo nas repercussões da mesma.

Sade viveu entre 1740 e 1814, período de grande transformação na história do pensamento e que interessa, particularmente, a Adorno e Horkheimer. O interesse de ambos recai, em especial sobre a obra sadiana, uma vez que nela nos deparamos com temas como, o anticristianismo, o ateísmo, o materialismo, isto é correntes que vão de encontro aos elementos mitológicos de leitura do mundo, expressões, portanto, do esclarecimento e, mais do que isso, correntes que irão repercutir na defesa de uma moral bastante controversa, fato que teria levado nossos autores a seguinte afirmação: “A obra do marquês de Sade mostra o ‘entendimento sem a direção de outrem’, isto é, o sujeito burguês liberto de toda tutela”⁸. Esses temas, entretanto, não são abordados diretamente pelo Marquês de Sade⁹, mas sim por meio de suas personagens. Trata-se, desse modo, de uma obra ficcional que inclui reflexões sociais e filosóficas. Alguns filósofos contemporâneos de Sade, como Diderot e Voltaire, objetivavam o amplo alcance de suas idéias; tinham um intuito, de alguma maneira, social, isto é, a popularização da filosofia deveria possibilitar discussões fundamentalmente políticas e éticas no interior da sociedade, e gêneros literários tais como a narrativa e o drama seriam aqueles que mais se adequariam a esses objetivos, uma vez que possibilitam uma maior difusão de idéias. Seria bastante simples encerrar a discussão inserindo Sade nessa mesma esteira, o que seria um grande equívoco, como teremos a chance de demonstrar adiante. No entanto, para além de tais objetivos almejados pelos

⁸ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p. 75.

⁹Sade não aparece, em nenhum de seus romances filosóficos, como enunciador do discurso.

philosophes coloca-se uma questão de cunho lingüístico: a forma do dizer determina e é inseparável daquilo que se diz. Um texto ficcional, portanto, dirá aquilo que apenas um texto ficcional é capaz de dizer.

O ateísmo anticristão e o materialismo, como afirmamos anteriormente, são temas debatidos exaustivamente nos textos do marquês. O ateísmo, entretanto, tal como aparece em sua obra, se dá, muitas vezes, como uma forma de negação e não como supressão completa da figura divina: a heresia é um prazer que falta ao ateu, e Sade parece reivindicá-lo. Em seus escritos é muito comum encontrarmos invectivas ao ser supremo como se o sujeito da fala estivesse dirigindo seu discurso a “alguém”, isto é, admi-ti-se a presença de um Deus que aparece, de certa forma, como uma personagem de sua ficção e que é o destinatário de suas ofensas, pois, segundo o que nos é veiculado, essas invectivas seriam mais gratificantes se realmente houvesse um Deus a quem direcioná-las. Isso ocorre de forma exemplar no seu opúsculo intitulado “Fantasmas”, uma espécie de carta destinada ao ser supremo que é também um desafio a esse “ser quimérico e vão”:

Ser quimérico e vão cujo nome apenas derramou mais sangue na face da terra do que jamais fará qualquer guerra política, por que não retornas ao nada de onde a louca esperança dos homens e seu ridículo temor infelizmente te ousaram arrancar?! (SADE, M. *Diálogo entre um padre e um moribundo*, p. 15).

Ora, a heresia tão cara aos libertinos de seus romances, no mínimo, problematiza esta suposta defesa do ateísmo como solução para uma humanidade emancipada - nos moldes propostos por algumas vertentes do esclarecimento -, e o que prevalece, de fato, é a promoção, simples e pura, do prazer, isto é, nos parece que o universo criado em sua literatura, diferentemente do que afirmam Adorno e Horkheimer, se justifica pelo engendramento do prazer, como tentaremos defender. Os autores atentam para esse fato, que, por sinal, é bastante freqüente na obra do Marquês:

Apesar de toda superioridade racional, Juliette conserva ainda uma superstição. Ela reconhece a ingenuidade do sacrilégio, mas acaba por tirar prazer dele. Todo gozo, porém, deixa transparecer uma idolatria: ele é o abandono de si mesmo a uma outra coisa (...). Mesmo quando o gozo ignora a proibição que transgride, ele tem sempre por origem a civilização, a ordem fixa, a partir da qual aspira retornar à natureza, da qual aquela o protege. Os homens só sentem a magia do gozo quando o sonho, liberando-os da compulsão ao trabalho, da ligação do indivíduo a uma determinada função social, leva-os de volta a um passado pré-histórico sem dominação e sem disciplina (...). O pensamento tem origem no processo de liberação dessa natureza terrível, que acabou por ser inteiramente dominada. O gozo é por assim dizer sua vingança. Nele os homens se livram do pensamento, escapam à civilização (...)

‘Esse intervalo de universal confusão que constitui a festa’, diz Roger Caillois ‘aparece assim como o espaço de tempo em que a ordem do mundo está suspensa. Eis por que todos os excessos são permitidos. O que importa é agir contra as regras. Tudo deve ser feito ao contrário (ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p.88).

Tal afirmação, a princípio parece concordar com a nossa perspectiva de leitura, isto é, parece conferir uma grande importância ao gozo e, de maneira mais geral, ao prazer¹⁰ e, por assim dizer, a sua função na obra sadiana, no sentido de se constituir como “o espaço de tempo em que a ordem do mundo está suspensa”, o que faria da obra do marquês duplamente subversiva (no sentido de “agir contra as regras”), já que a subversão se dá, ao mesmo tempo, no interior mesmo de sua obra, e na constituição desta enquanto ficção. No entanto, Adorno e Horkheimer seguem pela direção oposta: para eles, o gozo, na obra de Sade, não apenas estaria desprovido de sua essência, como passaria a ser, tal qual a própria razão, um meio utilizado para a dominação. Afirmam: “Mais do que o prazer, o que parece importar em semelhantes formalidades é o afã com que são conduzidas, a organização (...)”¹¹ e, mais adiante: “O gozo já parece algo de antiquado, irrealista, como a metafísica que o proíbe”¹², e, no que concerne à dominação: “Os dominadores apresentam o gozo como algo racional, como tributo à natureza não inteiramente domada; ao mesmo tempo procuram torná-lo inócua para o seu uso e conservá-lo na cultura superior; e finalmente, na impossibilidade de eliminá-lo totalmente, tentam dosá-lo para os dominados”¹³.

Essa afirmação se dirige tanto à obra sadiana, quanto à sociedade atual. Segundo nossos autores, tudo aquilo que não se coloca ao alcance do *critério da calculabilidade e da utilidade*¹⁴, é, de acordo com os valores do esclarecimento, motivo de suspeita. Em Sade, porém, a única utilidade reconhecida é a do gozo e, diferentemente do que afirmam Adorno e Horkheimer, nos parece que o cálculo e a organização, estão a serviço do gozo. Vale atentar para a definição de razão que Mme. Delbene nos oferece em *Histoire de Juliette*:

¹⁰ Já que, em Sade, o prazer de ordem sexual, apesar de ser tratado de forma privilegiada, não é o único abordado. Vale lembrar que grande atenção é dada também ao prazer culinário e estético.

¹¹ ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p. 76.

¹² ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, pp. 87, 88.

¹³ ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, pp. 87, 88.

¹⁴ Cf., ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p. 19.

Qu'est-ce que la raison? C'est cette faculté qui m'est donnée par la nature de me déterminer pour tel objet et de fuir tel autre, en proportion de la dose de plaisir ou de paine reçue de ces objets: calcul absolument soumis à mes sens, puisque c'est d'eux seuls que je reçois les impressions comparatives qui constituent ou les douleurs que je veux fuir, ou les plaisirs que je dois chercher. La raison n'est donc autre chose, ainsé que le dit Fréret, que la balance avec laquelle, remettant sous les poids ceux qui sont éloignés de nous, nous connaissons ce que nous devons penser, par le rapport qu'ils ont entre eux, en telle sorte que se soit toujours l'apparence du plus grand plaisir qui l'emporte (SADE, M. Histoire de Juliette. Tome I, p. 56).

Tal definição ressalta aquilo que nos parece nortear a obra de Sade: a submissão da razão, bem como de todo o resto, em benefício do prazer, e não o contrário, como pretendem os dois autores. No prefácio para a edição brasileira de *Os 120 dias de Sodoma*, Eliane Robert Moraes refere-se à obsessão sadiana em relação às cifras e aos cálculos de modo bastante diverso. Para ela, os números, juntamente com o sexo, seriam causa de prazer no universo sadiano, “Antes de mais nada porque a enumeração sadiana visa a explicitar as cifras do gozo e, por tornar manifesto o que normalmente se vela, representa uma contestação aos discursos alusivos que só se referem a matérias sexuais por meio de subterfúgios retóricos”¹⁵. Ainda sob esse ponto de vista, Eliane diz o seguinte: “Tal qual um inventário do abismo, as jornadas sadianas submetem essas variações à prova da insaciedade libertina, para criar um catálogo paradoxal que, no intento de registrar todas as possibilidades do sexo, termina por render-se ao ilimitado do desejo”, com referência ao fato de que duas das últimas paixões previstas para o fechamento do romance não se concluem, o que garante a seguinte afirmação da autora: “assim como o corpo, a cifra é precipitada ao seu ponto de fuga (...). Cento e vinte dias, quinhentas e noventa e oito paixões. O desejo lançado ao infinito”¹⁶. Temos, segundo essa leitura, que o libertino sadiano não é senão, o indivíduo limitado por sua própria condição humana, a saber, a condição que não lhe garante a emancipação, no sentido de autonomia, tampouco lhe garante o poder de dominação, uma vez que não pode escapar ao fato de ser vítima dos seus desejos inesgotáveis.

Sobre as questões abordadas por Adorno e Horkheimer, podemos dizer que a obsessão pela objetividade com a qual a razão opera, está entre as mais criticadas, uma vez que se expande para diversas áreas do comportamento do sujeito “ilustrado”. Além de ter por consequência a oposição frontal contra a religião, como tivemos a chance de observar, essa

¹⁵ MORAES, E. R. “Inventário do abismo” in SADE, M. *Os 120 dias de Sodoma*, p. 10.

¹⁶ MORAES, E. R. “Inventário do abismo” in SADE, M. *Os 120 dias de Sodoma*, p. 12.

objetividade seria responsável pelo modo – nefasto - como o homem lida com a natureza, isto é, mediante a dominação (e, também esta se estende para outras esferas da relação humana); e pela maneira, não menos nefasta de acordo com os autores, com que passou a estabelecer suas relações interpessoais e guiar a sua sensibilidade (isso inclui o desprezo pela compaixão, pelo amor romântico e pelas mulheres).

“Os homens sempre tiveram de escolher entre submeter-se à natureza ou submeter a natureza ao eu”¹⁷, constata os pensadores. A escolha, não é difícil de imaginar, recai, sobre a submissão da natureza pelo homem. “Para os governantes, porém”, afirmam Adorno e Horkheimer, “os homens tornam-se uma espécie de material, como o é a natureza inteira para a sociedade”¹⁸, e continuam o seu texto com uma citação de *Histoire de Juliette* que ilustra a afirmação acima, isto é, evidencia o caráter objetual conferido ao “povo”, no sentido de torná-lo objeto de dominação da classe privilegiada. Em Sade, entretanto, e apesar da citação a que fizemos alusão, o papel da natureza, bem como o da dominação dos desfavorecidos, parece ocorrer de forma distinta daquela que pretendem ambos. No caso da natureza, o homem seria apenas vítima de suas potências e a preponderância desta sobre as vontades humanas é enfatizada de tal modo que, arriscaríamos dizer, ela assumiria, em sua obra, um caráter divino:

Plenamente convencido de que a existência do criador é um absurdo revoltante no qual nem mesmo as crianças acreditam mais, desde cedo me coloquei acima das quimeras da religião. Não sinto a menor necessidade de restringir minhas inclinações no intuito de agradá-lo. Recebi essas inclinações da natureza e irritá-la, se a elas resistisse; se ela as fez malévolas, é porque se tronaram necessárias a seus desígnios. Sou apenas uma máquina em suas mãos, que ela move a seu bel-prazer e não há crime meu que não lhe sirva; quanto mais os inspira em mim, mais ela precisa deles: eu seria um tolo caso lhe resistisse (SADE, M. *Os 120 dias de Sodoma*, p. 21).

Mais uma vez nos deparamos com a importância da ficção na obra de Sade: no que diz respeito à dominação das “vítimas”, Sade, segundo Barthes, defende ‘impossibilidades’:

(...) as vítimas (exceto Justine) não protestam nem lutam; não é preciso dominá-las; num lugar fechado onde os quatro senhores dos *120 dias* estão sós, sem ajuda, sem polícia nem criados, nenhum fodeador, nenhum Hércules agarra uma cadeira,

¹⁷ ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p. 38.

¹⁸ ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, pp. 75, 76.

um porrete para abater o libertino que o condenou à morte (BARTHES, R. *Sade, Fourier, Loyola*, p. 160).

Sobre as mulheres e sobre o amor romântico (este último, vale dizer, associado a uma espécie de sensibilidade tipicamente feminina), Adorno e Horkheimer se debruçam de modo a revelar o que estaria implícito na recusa das duas questões a que nos referimos. Lançam mão de uma citação sadiana que desqualifica o gênero feminino¹⁹ supondo, desse modo, que na obra sadiana as mulheres ocupam um lugar de inferioridade. No entanto, vale lembrar, que em Sade as personagens femininas são preponderantes no que diz respeito a agir de acordo com os valores difundidos pelos libertinos, basta citar Juliette, a Senhora de Saint-Ange, a iniciante Eugénie e tantas outras que se beneficiam do credo libertino. Também Octavio Paz está atento a isso: “(...) sobre esses príncipes do mal não reina um homem, mas uma mulher. O mal, para ser belo, deve ser absoluto e feminino – a beleza de Juliette se alia à depravação mais completa”²⁰. Além disso, o texto sadiano parece privilegiar as mulheres tanto quanto os homens: do ponto de vista masculino, as mulheres devem servir aos prazeres dos homens; do ponto de vista feminino, os homens devem servir aos prazeres das mulheres, de modo que o que parece estar em evidência, não é uma disputa dos gêneros e sim, mais uma vez, a garantia do gozo. Ademais, de uma perspectiva social, Sade se pronuncia em favor da emancipação feminina:

Esperemos que se abram os olhos, e assegurando a liberdade de todos os indivíduos, não se esqueçam das infelizes moças. Mas se elas são lastimáveis o bastante para serem esquecidas, que elas mesmas se coloquem acima dos costumes e preconceitos, e ousem pisotear os vergonhosos ferros com que se pretende escravizá-las (SADE, M. *A filosofia na alcova*, p.48).

Tal manifestação sadiana, imagino, é suficiente para refutar a afirmação dos autores: “O homem dominador recusa à mulher a honra de individualizá-la”²¹. Ou, pelo menos, serviria como uma faca de dois gumes,

¹⁹ “Não duvidemos de que haja uma diferença tão certa e tão importante entre um homem e uma mulher como entre um homem e um macaco da floresta. As razões que teríamos para recusar que as mulheres façam parte de nossa espécie são tão boas como as razões que temos para recusar que esses macacos sejam nossos irmãos” (*Apud* ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p. 92).

²⁰ PAZ, Octavio. *Um mais além erótico: Sade*, p.77.

²¹ ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p. 93.

uma vez que, como vimos, também a mulher teria o seu momento para exercer a dominação.

Todas essas questões são tratadas pelos autores de forma paralelística, ou seja, estabelecem uma equivalência entre aquilo que consideram os “erros” da sociedade atual, e a obra de Sade e de Nietzsche, que representariam a atualização, precoce, desses “erros”, já que no texto de ambos a possibilidade da razão como mecanismo de destruição é evidenciada. De acordo com Adorno e Horkheimer “(...) Sade não deixou a cargo dos adversários a tarefa de levar o esclarecimento a se horrorizar consigo mesmo, o que faz de sua obra uma alavanca para salvar o esclarecimento”²². E ainda: “Sob a forma do horror, a imaginação procura resistir ao horror (...). Imortalizando essa contradição, Sade e Nietzsche contribuíram para elevá-la ao conceito”²³. Ora, segundo esse ponto de vista, a obra do marquês deve ser lida como a metáfora do fracasso do esclarecimento; que, embora no momento em que Sade a escreveu, ainda era visto como a grande esperança, ainda sim, já é possível encontrar nela as mais terríveis conseqüências as quais o uso da razão poderia conduzir o homem. Insistimos no fato de que, sendo a obra sadiana uma obra ficcional, todas as cenas que nela se configuram devem ser lidas mediante a chave da ficção, isto é, não devemos incorrer na tentação de afirmar as teses ali defendidas como propostas para nós, homens de ação. Como nos mostra Roland Barthes:

Por que não testar o ‘realismo’ de uma obra interrogando, não a maneira mais ou menos exata pela qual ela reproduz o real, mas, ao contrário, a maneira pela qual o real poderia ou não poderia efetuar o que o romance enuncia?(...) A linguagem tem essa faculdade de denegar, de esquecer, de dissociar o real: escrita, a merda não fede; Sade pode inundar com ela seus parceiros, não recebemos nenhum eflúvio, apenas o signo abstrato de um incômodo. Assim se mostra a libertinagem: um fato de linguagem (BARTHES, R. *Sade, Fourier, Loyola*, p. 161).

Também a perspectiva de Eliane Robert de Moraes parece se adequar a aquela que aqui defendemos. De acordo com a autora, Sade faria parte “daquele grupo particular de escritores para quem a criação artística deve descobrir justamente aquilo que a realidade recusa, operando uma espécie de ‘ruptura com o mundo’ e, por conseqüência, com as exigências sociais de ordem ética e moral”²⁴. Mais adiante a estudiosa aponta para uma

²² ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p. 97.

²³ ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p. 94.

²⁴ MORAES, E. R. *Lições de Sade*, pp. 10, 11.

passagem de *120 dias de Sodoma* na qual o Marquês afirma que toda a felicidade do homem estaria situada na sua imaginação²⁵. Afirmção também presente em *Histoire de Juliette*, em que, Belmor, ao se dirigir a Juliette, promove o louvor da imaginação a serviço do prazer: “(...) *nous créons des êtres de lubricité dont l’existence est malheureusement impossible. O Juliette! Qu’ils sont délicieux les plaisirs de l’imagination, et que l’on parcourt voluptueusement toutes les routes que nous offre sa brillante carrière*.”²⁶.

Entretanto o fascismo e o nazismo, vale lembrar, são fatos históricos, embora mais pareçam fruto da ficção, devido aos horrores que foram capazes de tornar real. A grande crítica de Adorno e Horkheimer, como dissemos anteriormente, é justamente o fato de que a razão teria, não apenas permitido, como também possibilitado tais calamidades; e a vulnerabilidade da razão em relação a esses perigos, já estaria presente, de acordo com a leitura promovida pelos autores, na obra de Sade. O próprio Sade parece, de algum modo, estar atento a isso, o que podemos sugerir por conta da expressão da qual Justine lança mão com bastante recorrência: sua defesa contra a argumentação lógica, sistemática e coerente dos libertinos e criminosos está em desqualificar os seus discursos adjetivando-os como meros sofismas. Ao narrar a recusa a uma proposta criminosa de Dubois, Justine faz a seguinte confissão: “(...) se algum dia me abalei foi com as seduções dessa mulher astuta, mas uma voz mais forte do que ela combatia seus sofismas em meu coração; eu a escutava e declarei pela última vez que estava decidida a jamais me deixar corromper”²⁷.

Para finalizar, retomemos à problemática interpretativa. Há um único momento em que Adorno e Horkheimer falam da obra de Sade como sendo fruto da ficção: “(...) as fantasias da crueldade e da grandeza, tratam os homens, no jogo e na ficção, com tanta dureza quanto o fascismo alemão na realidade”²⁸. Na ficção, entretanto, a dureza, parafraseando as palavras de Barthes, é feita de papel, é apenas “o signo abstrato de um incômodo”. Sobre isso, há uma distinção que nos parece primordial para tratar dessa questão: a distinção entre mundo do texto e mundo da ação. De acordo com Paul Ricoeur:

²⁵MORAES, E. R. *Lições de Sade*, p. 11.

²⁶SADE, M. *Histoire de Juliette*. Tome II., p. 147.

²⁷SADE, Marquês de. *Os infortúnios da virtude*, p. 47.

²⁸ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p. 94.

A Razão da Ficção ou a Ficção da Razão

O mundo do texto de que falamos não é, portanto, o da linguagem cotidiana; nesse sentido, ele constitui uma nova espécie de distanciamento que poderia dizer-se do real consigo mesmo. É a distanciamento que a ficção introduz na nossa apreensão da realidade. (...) uma narração, um conto, um poema não existem sem referente. Mas este referente está em ruptura com o da linguagem cotidiana; pela ficção, pela poesia abrem-se novas possibilidades de ser-no-mundo, na realidade cotidiana, ficção e poesia visam o ser, já não sob a modalidade do ser dado, mas sob a modalidade do poder-se. Por isso mesmo, a realidade cotidiana é metamorfoseada graças ao que poderíamos chamar as variações imaginativas que a literatura opera no real (RICOEUR, P. *Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II*. p. 122).

Nesse sentido é que atentamos para o fato de que, na ficção, há uma complexificação da relação estabelecida com o referente, de modo que as questões históricas e sociais, uma vez inseridas no universo ficcional, devem ser lidas de acordo com a totalidade da qual fazem parte, isto é, não podem ser apenas recordadas do universo ficcional e aplicadas na realidade como se dela participassem de maneira idêntica, pois, desse modo, como tentamos mostrar, há um prejuízo em relação à autonomia da obra.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Trad. de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Trad. de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KANT, Immanuel. “Resposta à pergunta que é <<esclarecimento>>?” In *Textos Seletos*. Trad. de Raimundo Ver e Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.

MORAES, Eliane Robert. *Lições de Sade*. SP: Iluminuras, 2006.

———. “Inventário do abismo” In SADE, M. *Os 120 dias de Sodoma*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

PAZ, Octavio. *Um mais além erótico: Sade*. Trad. de Wladir Dupont. São Paulo: Mandarim, 1999.

RICOEUR, Paul. *Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II*. Trad. de Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: Rés, 1989.

SADE, Marquês de. *A filosofia na alcova*. Trad. de Luis Augusto Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2003.

———. *120 dias de Sodoma*. Trad. de Alain François. São Paulo: Iluminuras, 2008.

A Razão da Ficção ou a Ficção da Razão

———. *Diálogo entre um padre e um moribundo*. Trad. de Luis Augusto Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2001.

———. *Histoire de Juliette*. Paris: Union Générale d'Éditions, 1976.

———. *Os Infortúnios da virtude*. Trad. de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2009.